

A natureza não age por estreita determinação. No entanto, ela subtrai largamente os efeitos à contingência. Entre estas duas evidências que parecem contraditórias há milênios de hesitações filosóficas.

É de uma invenção mecânica que nos vem a solução: o regulador de Watt que permitiu, muito depois de seu aparecimento, ver que certos efeitos estáveis não são estabilizados senão por eles mesmos.

Milhões de efeitos se cruzam em torno de mim. Não importa que valor tenham. São contingentes. Mas se um deles agir sobre o seu fator, então, tendendo para um valor próprio, ele já não é contingente.

Reunir-se-ão nêle, imediatamente, os dois elementos que distinguimos na finalidade: um certo efeito e um certo valor dêste efeito. O efeito que, em nossas máquinas auto-reguladas, dizemos "útil": o que, nos mecanismos fisiológicos, consideramos "útil" — é o que retroage. O valor, o alvo da finalidade é o ponto zero da retroação —, o ponto máximo da retroação +.

A noção de finalidade considerada como metafísica e, como tal, comumente com mais razão negada, será totalmente renovada se considerada dêste ângulo lógico: um sistema tende a um efeito com alta probabilidade: ele tem êste efeito por finalidade.

*A finalidade de um fator é um certo efeito cuja probabilidade é maior do que a que será devida à contingência.*

Tôda finalidade exige, portanto, uma luta contra a contingência, uma estruturação "anti-acaso". Esta luta contra a contingência pode se fazer de dois modos diferentes:

A *finalidade artificial* obtém um certo efeito pela mais estreita determinação possível dos fatores. É a do reino artificial.

A *finalidade natural* tende para um certo efeito pela organização de ligações inter e retroativas entre fatores e efeito. É a do reino mineral e a do reino vivo.

Entre uma e outra finalidade não existe hoje, porém, fronteiras bem nítidas. O artificial conquista esta organização de efeito, de que a natureza tinha o privilégio. Esta revolução — revolução cibernética — não é apenas material; age, também, na arte de observar o mundo.

A árvore ergue-se para o sol. "Admirem a finalidade do mundo", dizem os finalistas. "Não, a árvore não é senão determinada", dizem os deterministas. A secular discussão entre as duas escolas parecerá vã se compreendermos que a ordem não se deve nem a um fim nem às causas, mas sim a uma estruturação interna do efeito. A árvore lançou para todos os lados os "efeitos" de seus galhos, mas o galho que encontrou o sol desenvolveu os fatores que a fizeram subir para ele, e ela subirá sempre mais, como se o sol a atraísse. Retroação +, diz a lógica; efeito "de tendência". Assim, a árvore tende para o sol.

Porque a pedra rolada pelo mar tende a adquirir formas fugidias que lhe permitem rolar melhor? O efeito "movimento da pedra" retroage sobre o fator "resistência do movimento", tornando-o cada vez menos desfavorável. Quanto mais a pedra rola, mais desgasta as asperezas da face que rola, melhor rola; quanto mais rola, mas se desgasta... Retroação +: a pedra tende para uma resistência nula.

Nem determinismo, nem finalismo, mas uma lógica interna de ação, uma lógica mais forte que a contingência.

É lancemos agora um olhar novo a certos efeitos mais complexos, numa desordem que demonstrará a universalidade de suas molas.